



(/)

[INÍCIO \(/SITE/BR/\)](#) [NOTÍCIAS ▾](#) [EM FOCO \(/SITE/BR/EM-FOCO.HTML\)](#)  
[NA ESTRADA \(/SITE/BR/NA-ESTRADA.HTML\)](#) [GALERIA \(/SITE/BR/GALERIA.HTML\)](#)  
[O ESCRIBA \(/SITE/BR/O-ESCRIBA.HTML\)](#) [ARTIGOS \(/SITE/BR/ARTIGOS.HTML\)](#)  
[AGENDA \(/SITE/BR/AGENDA.HTML\)](#) [RM INDICA \(/SITE/BR/RM-INDICA.HTML\)](#)  
[LEGISLAÇÃO ▾ \(/SITE/BR/LEGISLACAO.HTML\)](#)  
[GLOSSÁRIO \(/SITE/BR/GLOSSARIO.HTML\)](#)  
[OPORTUNIDADES \(/SITE/BR/OPORTUNIDADES.HTML\)](#)  
[PUBLICAÇÕES \(/SITE/BR/PUBLICACOES.HTML\)](#)



## Entrelaçando pesquisa e educação nos museus



*Manuelina Maria Duarte Cândido [1]*

O tema do Dia Internacional dos Museus de 2024 nos instiga a pensar sobre educação e pesquisa nos museus e eu diria mais, pensar os museus como instituições educadoras e de pesquisa, ou seja, nas quais estes temas são transversais e não responsabilidade de setores ou departamentos.

Na última atualização da definição de museus pelo ICOM a disputa pela manutenção do termo educação, preferido pela América Latina, enquanto a francofonia defendia a adoção do termo mediação, foi uma das tónicas. Em relação ao tema da pesquisa, passamos da presença da investigação e do estudo na definição de 2007, à pesquisa, interpretação e reflexão presentes na definição de 2022.

Pesquisa e educação são vistas em alguns argumentos como funções dos museus e, como tal, corresponderem a setores destas instituições. Trago aqui uma reflexão sobre educação e pesquisa como papéis dos museus e, portanto, compromissos globais das instituições museológicas, que devem ser espaços de construção e partilha de saberes.

Neste sentido, quero explicitar a que noções de educação e de pesquisa eu me refiro. Inicialmente, a necessária dissociação entre educação e escolarização, que parece já ultrapassada em alguns contextos, mas ainda extremamente presente na Europa e na África, associando-se exclusivamente ao público escolar a ação educativa dos museus. Trabalho com a noção de educação permanente, ela também em algumas realidades tomada de maneira redutora como uma educação para o mundo do trabalho e para a reorientação profissional. Opto pela noção de educação permanente como "construção contínua da pessoa humana" (Delors, 1996, p. 18). Neste sentido, os quatro pilares da educação propostos pelo relatório da UNESCO coordenado pelo já citado Jacques Delors (1996) são fundamentais: "Aprender a conhecer", "Aprender a fazer", "Aprender a viver juntos" e "Aprender a ser" compõem este quadro mais global de uma educação humanizadora e que se dá ao longo de toda a vida.

Além disso, também me refiro a uma educação dialógica no sentido que lhe é dado por Paulo Freire (1996), comprometida com a construção do pensamento crítico, com o desenvolvimento das capacidades de problematização, de questionamento e de leitura do mundo, em contraponto a uma educação que se confunde com a simples transmissão de conhecimentos de maneira unidirecional.

Neste sentido, cabe bem lembrar a antiga provocação de Duncan Cameron (in Desvallées, 1992) sobre o museu ser um templo ou fórum. Não se apresentando mais como um espaço de transmissão, mas de "*socialização do falar*" (Montenegro, 1992), o museu experimenta a partilha de poder que por sua vez põe em xeque



posturas predatórias que realizam atividades participativas somente para cumprir uma agenda, mas as mantêm em estrito controle e decisão institucional (Singer, s. d.)

A interpretação, presente na nova definição de museus, assume o caráter polissêmico dos objetos e do patrimônio, o que também é um sutil avanço tendo-se em vista que em muitos contextos ainda se tentam afirmar uma suposta neutralidade dos museus. Mas

Quem lê interpreta e o faz diferente de uma outra pessoa, pois o signo (enquanto materialidade e enquanto sentido), além de possuir referências comuns para uma dada cultura, possui uma potencialidade aberta e livre para interpretações (Terra, 1997, p. 91)

A possibilidade de problematizar o próprio processo de musealização e a construção do discurso expositivo enquanto proposta interpretativa evidencia as intencionalidades, seleções, omissões, realces, escolhas que são feitas em todo seu decorrer. Assim, desnaturalizam-se os processos e corrobora-se a não neutralidade.

Isto que chamo de dar a perceber as engrenagens da fábrica patrimonial (Heinich, 2009), participa da pedagogia museológica por Cristina Bruno:

Trata-se de uma pedagogia direcionada para a educação da memória, a partir das referências patrimoniais que, por um lado, busca amparar do ponto de vista técnico os procedimentos museológicos e, por outro, procura ampliar as perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento. (Bruno, 2006, p. 122)

A prática da reflexividade em museus e em Museologia permite

(...) desconstruir, ao olhar do público, todas as certezas de que se revestem comumente os discursos museais, abrindo espaço para a dúvida, para a incerteza, para a provocação, para as diferentes interpretações (com o



cuidado, evidentemente, de não cair no relativismo e no negacionismo científico). (Duarte Cândido, 2023, p. 51).

Ela pode, portanto, ser apropriada pela ação educativa do museu, embora deva fazer parte da cadeia operatória museológica como um todo. A reflexividade constitui faceta de grande relevância na produção de conhecimento pelos museus, notadamente por sua capacidade de estimular práticas mais éticas de relação com as comunidades.

Evidentemente ela é muito bem-vinda também na pesquisa museológica, no sentido que dei em meu texto de 2019: a pesquisa presente na cadeia operatória museológica de salvaguarda e de comunicação patrimoniais que trata do destino das coisas (Bruno, 2009) e não da interpretação destas coisas, acervos ou referências patrimoniais cujas interpretações são realizadas em pesquisas básicas de suas áreas de afinidade (Duarte Cândido, 2019).

Também é importante destacar que entendo que diversos níveis de pesquisa possam ser praticados, inclusive buscando envolver público não acadêmico na produção do conhecimento. Desta feita, a pesquisa pode fazer parte da ação educativa do museu, que poderá compartilhar não somente o resultado de investigações realizadas por *experts* mas o processo de construção do conhecimento, o que contribui para a autonomização dos educandos.

Minha proposta neste texto é especialmente de entrelaçar pesquisa e educação nos museus sempre que possível. A separação destas duas facetas, embora possa contribuir com a divulgação científica, tende a reforçar a passividade do público como receptor de saberes construídos por uma elite acadêmica, além de hierarquizar a própria equipe dos museus privilegiando quem supostamente detém a exclusividade sobre a produção do conhecimento de quem comunica (Vasconcellos, 2022, p. 46).

É importante compartilhar processos de trabalho como forma de despertar jovens vocações e talentos, mas também como maneira de desmistificar ciência e arte e contribuir para reflexões críticas sobre elas. Os museus são lugares privilegiados para isto, pois se referem ao ser humano e à vida, representando um conhecimento integrado, marcado pela interdisciplinaridade que a extrema especialização científica precisou separar (Rússio, 1981).



[1] Universidade Federal de Goiás (UFG) e École du Patrimoine Africain (EPA).

Publicações:

Research Gate: <https://www.researchgate.net/profile/Manuelina-Duarte-Candido>  
(<https://www.researchgate.net/profile/Manuelina-Duarte-Candido>).

Orbi: <https://orbi.uliege.be/profile?uid=p214556> (<https://orbi.uliege.be/profile?uid=p214556>).

---

## Referências

- BRUNO, Maria Cristina O. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.) Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast, 2009. [Livro eletrônico]
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória". In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). *As Várias Faces do Patrimônio*. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.
- CAMERON, Duncan. "Le musée: un temple ou un forum" (1971). In: Desvallées, André. *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. Paris: W M. N. E. S., 1992. Vol. 1. p. 77-86.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Etnografias do povo Iny Karajá, musealização e reflexividade. In: GONÇALVES, Janice (org.). *História pública e história conectada*. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2023. Grupo de Pesquisa Linguagens e Representação/UDESC. p. 49-68.
- DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. "A pesquisa em Museologia ou... por uma pesquisa adjetivada". In: ARAÚJO, Bruno Melo de; SEGANTINI, Verona Campos; MAGALDI, Monique; HEITOR, Gleyce Kelly Maciel. *Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios*. Recife: UFPE e Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, 2019. p. 147-162. Disponível *online* em <http://hdl.handle.net/2268/239341> (<http://hdl.handle.net/2268/239341>Acesso) Acesso em 03 de maio de 2024.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- RÚSSIO, Waldisa.
- SINGER, Isabel. *Museums as predators*. In: SINGER, Isabel. *American Perceptualism* [Blog]. S. d. <https://itsallhowyourememberit.wordpress.com/2021/11/29/museums-are->



predators/?fbclid=IwAR2WkXpdyOfisQ2KtVoT\_6zXKwgj96Yuqs-  
\_6mhcGBr6IMdLGHKSWfqDeKQ Acesso em 03 de maio de 2024.

- TERRA, Antonia. História e dialogismo. In: BITTENCOURT, Circe (org.) O Saber Histórico na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 1997. p. 91-103.
- RÚSSIO, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia (1981).In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). WaldisaRússio Camargo Guarniéri: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. p. 123-126. São Paulo: Pinacoteca do Estado, ICOM-Brasil, 2010.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Aeducação museal e a produção do conhecimento acadêmico: algumas tendências. In: ALMEIDA, Fernando José de; CARDOSO; Ialê Pereira; CONTINELLI, Marcelo (orgs.). Diálogos em Campo experiências educativas em museus durante a pandemia. São Paulo :IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, 2022. p. 45-60.

---

## Entre em contato conosco!

Envie seus comentários, críticas e elogios sobre esse artigo para o email [18demaio@revistamuseu.com.br](mailto:18demaio@revistamuseu.com.br) (<mailto:18demaio@revistamuseu.com.br>).

*Os artigos e reportagens assinadas não refletem necessariamente a opinião do website, sendo de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.*



◀ [Anterior \(/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19660-museus-para-a-pesquisa-e-para-o-ensino-de-historia.html\)](/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19660-museus-para-a-pesquisa-e-para-o-ensino-de-historia.html)

Próximo ▶ </site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19640-o-museu-curioso-sem-ser-um-gabinete-de-curiosidades-ou-o-simulacro-do-digital.html>

## AGENDA

- ◀ <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19641-entrelacando-pesquisa-e-educacao-nos-museus.html?iccaldate=2018-7-1>
- ▶ <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2024/19641-entrelacando-pesquisa-e-educacao-nos-museus.html?iccaldate=2018-9-1>

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19